



EDIÇÃO Nº 13 — 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

DO PINCEL AO TECLADO: DE UMA TELA DE GOYA A UM CONTO DE PABLO GAIANO

Louise Áurea Oliva
Mestranda pela Universidade Federal de Juiz de Fora
(louiseoliva@yahoo.com.br)

RESUMO: retirado do livro *Voces desde el atril* (organizado pelo argentino Pablo Gaiano, 2009), o conto *Los sueños de la razón* tem como inspiração a pintura *El sueño de la razón produce monstruos* (1799), do artista espanhol Francisco de Goya (1746-1828). Interessa-nos mais do que a análise do conto em si, discutir o que motiva a tradução intersemiótica e qual a validade deste tipo de iniciativa na contemporaneidade. A motivação da publicação do livro foi a transposição de uma arte à outra, foram selecionados vários quadros e depois escritos contos a partir deles, a gama é diversa, mas escolhemos ater-nos ao quadro de Goya por sua fama de suscitar várias interpretações e, com isso em mente, analisaremos qual seria a possível interpretação que Pablo Gaiano pode ter dado ao quadro. Interessa-nos também pensar qual seria a motivação mercadológica que tal tipo de iniciativa pode trazer, afinal de trata de uma compilação de contos escritos por autores convidados para escrevê-los. Há também a questão da divulgação e “renascimento” de obras que podem estar sendo substituídas por outros tipos de arte na contemporaneidade. Podemos pensar se ao trazer estes quadros em forma de contos isso seria uma forma de torná-los ainda visíveis hoje.

Palavras-chave: tradução intersemiótica; Goya; conto.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

RESUMEN: retirado del libro *Voces desde el atril* (compilado por el argentino Pablo Gaiano, 2009), el cuento *Los sueños de la razón* tiene como inspiración la pintura *El sueño de la razón produce monstruos* (1799), del artista español Francisco de Goya (1746-1828). Más allá del análisis del cuento, nos interesa discutir lo que motiva la traducción intersemiótica y cuál la validez de este tipo de iniciativa en la contemporaneidad. La motivación de La publicación del libro fue la transposición de una arte a la otra, fueron seleccionados varios cuadros y luego escritos cuentos a partir de ellos, son diversos textos, pero elegimos aternos al cuadro de Goya por su fama de suscitar varias interpretaciones, con eso en mente, analizaremos cual sería la posible interpretación que Pablo Gaiano puede haber dado al cuadro. Nos interesa también pensar cual sería la motivación mercadológica que tal tipo de iniciativa puede traer, ya que se trata de una compilación de cuentos escritos por autores invitados a hacerlos. Hay que pensar también sobre la cuestión de la divulgación y “renacimiento” de obras que pueden estar siendo sustituidas por otros tipos de arte en la contemporaneidad. Podemos pensar si al traer estos cuadros en forma de cuentos eso sería una manera de hacerlos todavía visibles hoy día.

Palabras-clave: traducción intersemiótica; Goya; cuento.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

Goya es siempre un gran artista y a menudo un artista aterrador.
Charles Baudelaire

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho buscaremos pensar a tradução intersemiótica de um quadro do pintor espanhol Francisco de Goya para um conto do escritor argentino Pablo Gaiano. A transposição de uma arte à outra não é novidade no meio artístico, desde muito tempo temos notícias de poemas que viraram canções, romances que viraram filmes, etc. Portanto, não trataremos aqui de um fenômeno novo e isolado, mas sim de mais uma faceta do que podemos chamar de tradução intersemiótica.

Escolhemos o livro *Voces desde el atril* (2009) porque nos interessa pensar a motivação mercadológica que transpor pinturas para contos pode despertar. Não temos dados concretos de vendagem do produto, mas faz-se necessário refletir o porquê de tal iniciativa. Muito grande é a gama de assuntos tratados pelos contos do livro, já que se baseiam em diferentes quadros. Dentro do universo de contos, escolhemos o *Los sueños de la razón*, de Pablo Gaiano porque nos chamou a atenção buscar um quadro de um pintor de renome como Francisco de Goya, conhecido por suas diferentes fases dentro de sua obra e especificamente este quadro, *Los sueños de la razón*, por ser um quadro que suscita muitas interpretações e nos interessa ver como isso foi transposto para o conto.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

Para a execução deste trabalho, dividiremos nosso texto da seguinte maneira: 1. *Introdução*, que já se apresenta; 2. *A tradução intersemiótica*, onde trataremos da questão deste tipo de tradução e sua validade para pensar a transposição de uma arte à outra; 3. *Um pouco de Goya e seu “Caprichos”*, onde apresentaremos o pintor espanhol e a série de pinturas de onde foi retirada a tela que faz parte do livro que trabalhamos; 4. *O conto*, onde discutiremos especificamente da interpretação dada por Pablo Gaiano e a criação do conto; 5. *Conclusão*, onde apresentaremos as discussões finais englobando todo o trabalho; capítulo 6, reservado às referências bibliográficas e por fim 7. em anexo a gravura que deu origem ao conto.

2. A TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA

Quando pensamos em tradução, é comum lembrarmos de linguagem e, por conseguinte, a transposição de uma língua a outra. Vários estudiosos acabam por limitarem a tradução como sendo apenas a passagem de um som a outro, de um significado verbal a outro, mas se esquecem que quando falamos de linguagem não tratamos apenas de palavras e sons, mas de todo o universo de signos de que nos valemos para nos comunicar. A própria tradução pode ser vista como representação e, portanto, como signo.

Segundo Jakobson, há três tipos de tradução: 1. *interlingual*; 2. *intra lingual*; e 3. *intersemiótica*. Para este trabalho nos baseamos nessa divisão e, claro, nos ocuparemos do terceiro tipo, a intersemiótica, que é a interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais, ou vice-versa. Citamos Jakobson porque acreditamos, como ele, que ao transpor uma arte à outra, o que fazemos não é mais que traduzir um signo significativo a outro.

Um ponto interessante que não podemos deixar de lado é pensar que somente parte do signo é transposto ao outro signo, ou melhor, ao pensarmos no caso deste trabalho, se o signo de arte pintura foi transposto ao signo escrita, devemos ter em conta que é impossível que seja feita uma tradução intersemiótica total, pois sempre se “perde” algo quando traduzimos. Portanto, deveremos ler o conto tendo em conta que algum aspecto foi privilegiado e outro deixado de



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

lado, não se trata de uma tradução “perfeita” e acrescente a este ponto a questão da criação, afinal o gênero conto tem suas particularidades para ser executado e o estilo do escritor certamente influencia no resultado final. Neste âmbito, concordamos com Maria Tymoczko (1999), que assinala que a tradução é, por definição, metonímica: *uma forma de representação em que partes ou aspectos do texto vem a representar o todo.* (In: HIRASHIMA, p. 87, 2005)

3. UM POUCO SOBRE GOYA E SEU “CAPRICHOS”

Francisco José de Goya y Lucientes (1746-1828) é considerado o mais importante artista espanhol do século XVIII e início do século XIX. Ao longo de sua carreira, Goya passou de alegre e leve para profundamente pessimista e questionador em suas pinturas, gravuras e afrescos. Nascido na pequena Fuendetodos, mais tarde se muda para Saragoza e, aos quatorze anos, dá início aos estudos artísticos com o pintor José Luzan Martinez (1710-1785). Em 1746, ano de nascimento de Goya, a coroa espanhola estava sob o domínio de Fernando VI. Posteriormente, o rei Carlos III Bourbon governou o país como um monarca iluminado simpático a mudanças, empregando reformas nos campos industrial e agrícola. Foi durante esta época de esclarecimento que Goya atingiu maturidade artística. Ao transferir-se para Madri, junta-se aos irmãos Francisco e Ramón Bayeu y Súbias que tinham um estúdio. A proximidade com os irmãos acaba facilitando o casamento com Josefa, irmã de seus sócios.

Goya visita a Itália após fracassar em concursos de desenho na Real Academia de Bellas Artes em São Fernando. A introdução de Goya às oficinas reais começa em 1774 e dura a vida toda, tendo sido oficializado pintor de membros da realeza em diversas ocasiões. Aos quarenta anos, Goya foi nomeado pintor do rei Carlos III e, em 1789, foi promovido a pintor da corte de Carlos IV. O ano de 1789 também marcou a queda da monarquia francesa (com Carlos IV disposto a ajudar seu primo Louis XVI), e em 1793 a França declara guerra à Espanha. Nesta



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

altura, Goya viaja para Cádiz onde acaba por atravessar um longo período de doença que culmina em sua surdez. O período político conturbado mais a doença acabam por atormentar Goya de tal maneira que sua obra passa a representar um mundo de pesadelos e escuridão contrastando com a leveza das pinturas naturalísticas e precisão dos retratos que estava acostumado a pintar no começo de sua carreira.

Em 1799, já em Madri, Goya completa e publica um conjunto de cerca de 84 gravuras alegóricas sob o título de *Caprichos. El sueño de la razón produce monstruos* faz parte deste conjunto de gravuras que intruduzem um mundo de bruxas e fantasmas que invadem a mente, principalmente durante os sonhos, são visões de pesadelo que simbolizam o mundo contra a razão. Nestas gravuras, Goya formula uma ácida crítica contra a sociedade de sua época, a ignorância e as superstições; apresenta cenas fantásticas, delirantes, violentas, difíceis de interpretar. Em suas palavras, diz ter realizado obras nas quais conseguiu *hacer observaciones a que regularmente no dan lugar las obras encargadas, en las que el capricho y la invención no tienen ensanche* (In.: Coleção *Grandes Maestros de la Pintura*, editorial Sol 90, Barcelona, 2008, p.17)

A frase que dá título a gravura por si já é enigmática pois não sabemos se a palavra espanhola *sueño* se refere a sonho ou sono, pois ambas traduções são possíveis. Várias interpretações são dadas à pintura, ora se referindo a sonho, portanto a fantasia da razão, distorção; ora se referindo a sono, a ausência total de razão. No proximo capítulo trataremos do conto escrito por Pablo Gaiano baseado na referida pintura e tentaremos ver qual a interpretação que ele dá da obra de arte.

4. O CONTO



EDIÇÃO Nº 13 — 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

Escrito para fazer parte do livro *Voces desde el atril* (2009), o conto *Los sueños de la razón* é de autoria do organizador do volume (Pablo Gaiano) e o encerra. Dividido em seis pequenas partes que trataremos como capítulos, o conto revela um espírito conturbado pela pressão de ter que terminar um trabalho *donde aparecerá la verdadera España* (p.136). O primeiro capítulo conta com apenas três linhas e termina aberto: *La frase...*(p.136) referindo-se à famosa frase que dá título a gravura e suscita diversas interpretações.

A partir do segundo capítulo encontramos uma espécie de descrição da situação demonstrada no quadro pois o homem é atormentado por seres voadores que parecem estar ao seu redor: *Siento el aleteo de aves. Parecen murciélagos.* (p.136) Ao seguir a leitura do conto cada vez mais notamos semelhanças entre o protagonista e a vida de Francisco de Goya: *He retratado príncipes y princesas, damas de abolengo y grandes de España, reyes e infantes, retrataré a España toda.* (p.137). A descrição de passos e referências à biografia de Goya segue por várias linhas, culminando no terceiro capítulo com um diálogo entre o protagonista e o rei que estava pintando, travando eles uma discussão sobre técnicas de pintura e modos de governar.

No quarto capítulo encontramos mais referências a animais que sobrevoariam o protagonista enquanto este segue na busca de terminar seu trabalho. Neste capítulo destacamos também a frase que dá título a gravura de Goya mesclada ao texto, formando parte do conto: *La ilustración produce monstruos, el sueño de la razón produce monstruos.* (p.139-140). Ao final deste capítulo temos uma pequena possível explicação da frase:

Los sueños de la razón producen monstruos, cuando se duerme la razón se despierta el oscurantismo, retrocedemos hacia el fanatismo religioso. Sin la razón gobernando, España se estancará. Cuando los hombres no oyen el grito de la razón, todo se vuelve visiones. (p.140)

Resta saber se este é o significado que realmente daria Goya a seu trabalho. Supomos que sim baseando-nos em tudo que já foi visto em sua biografia.

O quinto capítulo do conto é uma sucessão de descrições de pesadelos. São homens e mulheres que atuam de maneira estranha, rindo muito sem saber o porquê e são animais que o



EDIÇÃO Nº 13 — 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

atormentam, aproximando-se dele como se o fossem atacar. Se observarmos a tela vemos que o homem está sentado junto a uma mesa de cabeça baixa e ao seu redor há vários animais que parecem estar de boca aberta, como se emitindo algum som aterrorizador ou a ponto de atacar uma presa. Portanto este capítulo serve a uma descrição do que poderia estar passando na mente do homem cabisbaixo da tela e ao seu redor.

Até este ponto do conto nos deparamos com digressões, cenas que parecem de alguém que tem pesadelo e algo, por assim dizer, que se assemelha a uma tentativa de descrição minuciosa da cena da gravura de Goya. O capítulo sexto, capítulo final, surge como de grande esclarecimento de uma plausível interpretação da frase que já dissemos que pode ter mais de uma interpretação. Devemos lembrar que à época de sua execução (da gravura), a Espanha passava também por um momento do Iluminismo que atingiu a Europa naquele período, portanto a palavra “razón” é bastante emblemática, pois o quadro ganha uma dimensão marcadamente política e, no conto, neste último capítulo surge mais uma vez a figura do rei em diálogo com o pintor. O rei dá recomendações ao pintor sobre como quer seu próximo retrato, mas a conversa caminha para fins políticos com a discussão de termos como “Nación”, “patria” e “reinos”:

Los Borbones hemos venido a reinar España para derramar la luz como una brisa que acaricia. Y Carlos III el rey que más difundió las luces sobre esta Nación. Te agradezco el elogio, pero me gusta más que uses la palabra patria o reinos de España.
(p.144)

A questão política continua a ser discutida no conto com referência também às colônias espanholas na América que, no século XVIII, época da gravura, dão início a movimentos de independência da metrópole. Neste interim o autor do conto entra como um possível personagem da história, fazendo referência a seu sobrenome, mas de maneira incerta e sutil:

El otro día un joven de las colonias de ultramar, creo que de Quito o Buenos Aires, me decía que a ellos cada vez les cuesta más la lealtad al rey. (...) Lo dijo con un tono tranquilo, pero seguro, tenía voz aflautada, pero gran dignidad en su porte... se llamaba Gaiano o Belgrano. (grifo nosso. p.146)



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

As possíveis interpretações da frase são retomadas ao final do conto: *Unos han pensado que cuando duerme la razón surgen monstruos, y otros que los ideales quiméricos de la razón nos llevan a extravíos imposibles.* (p.146) E o autor nos revela sua posição, como sendo a do próprio Goya: *Pero yo creo en la razón sobreponiéndose a los monstruos de la noche y en los monstruos al acecho que anulan la razón cuando se duerme. Creo en toda la potencialidad de mi frase. España debe temer a los dos cosas.* (p.146) Portanto, somos levados a conclusão de que, de fato, não há somente uma interpretação para a frase, mas sim duas, porque ou se escapa do despotismo absoluto ou se escapa da razão absoluta, as duas coisas são de se temer. E isso atormentava Goya a sua época, os possíveis caminhos da política de sua terra junto a sua doença culminaram com a criação dos *Caprichos* e de outras obras consideradas obscuras.

Para finalizar o conto, no último parágrafo encontramos uma espécie de desabafo do protagonista que representa Goya e reflete sobre a criação da identidade espanhola que começara com admirar ao Cid e até a época Cervantes quando os espanhóis ainda preferiam vangloriar soldados a escritores. Goya surge então como um marco da sobreposição da “pluma y el pincel”, inaugurando um outro tipo de “razón” que se multiplicará, outras formas de ver o mundo.

5. CONCLUSÃO

Para concluir nosso trabalho, propomos pensar a motivação que suscitou a criação de um livro onde contos foram escritos a partir de pinturas. Não sabemos claramente como se deu a execução do trabalho, se foram todos contos encomendados e como se deu a escolha das pinturas, mas sabemos que se trata de um grupo de escritores argentinos e que grande parte das obras estão expostas em museus da cidade de Buenos Aires.

Acreditamos que este tipo de iniciativa se dê em função de tentar resgatar algum valor estético que se possa estar perdendo nos dias atuais e, portanto, se trata de uma ação política em



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

prol da manutenção de referentes artísticos de épocas passadas que não podem ser simplesmente esquecidos. Através do gênero conto, estes autores acabam por popularizar obras de arte que poderiam estar reservadas ao conhecimento apenas da elite.

Especificamente sobre o conto escolhido, vimos anteriormente que ele tem uma dimensão marcadamente política e a reflexão que traz sobre a falta ou excesso de razão é válida também para os dias atuais, quando nenhum país está livre de algum tipo de absolutismo, pois de uma forma ou de outra temos que nos submeter a algo ou alguém para vivermos em sociedade. Concordamos com a escolha do artista e do quadro que tornam possíveis esta reflexão para os dias atuais.

Por fim, apoiamos este tipo de iniciativa porque é um meio de divulgação de valores estéticos, e mais ainda quando estes suscitam reflexões políticas, afinal não podemos sempre aceitar tudo, devemos pensar se os “monstruos” que nos rodeiam tem razão de existir ou não.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Coleção *Grandes Maestros de la Pintura: Goya*. Editorial Sol 90, Barcelona, Espanha, 2008.

GAIANO, Pablo (org.) *Voces desde el atril: cuentos inspirados en pinturas*. Buenos Aires: Deldrágón, 2009.

HIRASHIMA, César Katsumi. *A importância da tradução intersemiótica para os estudos tradutológicos*. In.: *Revista Todas as Letras* (São Paulo), ano 7, n.2, p.82-89, 2005.

Disponível em: <http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/tl/article/view/865/530>
Acesso em 28/12/2011.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

7. ANEXO – GRAVURA *EL SUEÑO DE LA RAZÓN PRODUCE MONSTRUOS*, FRANCISCO DE GOYA (1799)

